

PRIMEIRO INQUÉRITO MUNICIPAL À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÉNERO NO CONCELHO DE LISBOA

ONVG/CICS.NOVA - FCSH/UNL

SÍNTESE DOS RESULTADOS

25-07-2017

1. FICHA TÉCNICA

OBJECTIVOS

- O primeiro Inquérito Municipal à Violência Doméstica e de Género no Concelho de Lisboa teve como principal objectivo a **análise da violência interpessoal doméstica e de género, para mulheres e homens**, nomeadamente a:
 - Avaliação das prevalências dos vários tipos de violência;
 - Caracterização espaço-temporal e sociocultural do contexto onde a violência ocorre, bem como da reação das vítimas;
 - Caracterização biográfica, económica e sociocultural das vítimas e autores;
 - Caracterização do fenómeno da violência doméstica e de género ao nível da freguesia;
 - Obtenção de informação que permita apoiar a intervenção e a definição das políticas municipais.

METODOLOGIA

- O questionário foi aplicado a uma amostra de **2616 pessoas** (1314 mulheres e 1302 homens), estatisticamente representativa das mulheres e homens com 18 ou mais anos residentes no concelho de Lisboa, para uma margem de erro de 2% e um nível de confiança de 95%, com desagregação por **freguesia, sexo e idade**. A margem de erro para a estimação da prevalência por sexo é de 3% e de 10% para a freguesia.
- O questionário aplicado é semelhante para mulheres e homens e idêntico ao utilizado no inquérito nacional de 2007 (permitindo a comparabilidade dos dados).

- O questionário foi aplicado presencialmente, porta-a-porta, nas **24 freguesias** de Lisboa (com **sete pontos de entrada** por cada freguesia para abranger as diferentes zonas das freguesias). O trabalho de campo foi assegurado por dois grupos de inquiridores/as - mulheres e homens, conforme a amostra a inquirir - especificamente formados/as para aplicar os questionários.
- A base de dados é composta por 6455 variáveis.

EQUIPA

Investigação:

Manuel Lisboa (Coordenação); Ana Lúcia Teixeira; Rosário Rosa; Dalila Cerejo.

Consultores/as (especialistas nas áreas: violência doméstica e de género; saúde; educação; direito; conciliação da vida profissional e pessoal, políticas públicas; ONG e estatística): Beatriz Calado; Eduarda Ferreira; Elisabete Brasil; Elza Pais; Fátima Miguens; Joana Peres; Karin Wall; Lúcia Amante; Luís Baptista; Luísa Vicente; Miguel Vale de Almeida; Paulo Côrte-Real.

2. RESULTADOS

PREVALÊNCIAS E TIPOS DE VITIMAÇÃO

Nota prévia¹

Para a recolha de informação sobre a vitimação (prevalências e tipos de violência) todas as pessoas da amostra foram questionadas sobre **51 actos de violência**, que incluem 14 actos de **violência física** (como, por exemplo, *“Já alguma vez lhe deram sovas?”*), 25 actos de **violência psicológica** (como, por exemplo, *“Alguma vez o/a ameaçaram com armas de fogo ou brancas?”*) e 12 actos de **violência sexual** (como, por exemplo, *“Já alguma vez tiveram ou tentaram ter algum acto sexual consigo usando a força ou ameaçando magoá-lo/a a si ou alguém próximo de si?”*).

¹ Os actos objecto de inquirição foram seleccionados tendo em vista a análise comparativa com os inquéritos anteriores (nacional em 2007 e da Região Autónoma do Açores em 2008) e os inquéritos internacionais mais recentes, nomeadamente o da FRA.

São consideradas **vítimas de violência física/psicológica/sexual** as pessoas que referiram ter sofrido, no último ano ou em anos anteriores, pelo menos um dos actos de violência sobre os quais foram inquiridas.

Prevalências (concelho e freguesias)

Os resultados revelam que as prevalências da **violência física/psicológica/sexual** contra as mulheres e homens (pessoas que foram vítimas de pelo menos de um acto daqueles tipos de violência) são, respectivamente: 50,3% nas mulheres (n=661) e 61,9% nos homens (n=806)².

Estes valores são mais elevados do que os nacionais do inquérito de 2007 (38%, nas mulheres e 42,5%, nos homens). Refira-se que o inquérito semelhante de 2008 na Região Autónoma dos Açores revelava uma prevalência superior para as mulheres (53,3%).

Quando se analisam os dados da **violência doméstica**³ e da **violência nas relações de intimidade**⁴, nota-se uma alteração significativa; agora com as mulheres a terem uma maior prevalência de vitimação.

Essa diferença é particularmente significativa na violência nas relações de intimidade, onde as mulheres têm uma probabilidade de serem vítimas (22,8%) duas vezes superiores à dos homens (10,8%).

No caso da violência doméstica, as prevalências são próximas nas mulheres (28%) e nos homens (26%). Contudo, deverá assinalar-se que, nos homens, a violência está mais associada aos actos perpetrados nos processos de socialização na infância, pela via parental, enquanto que, nas mulheres, ela resulta mais da conjugalidade.

Pela primeira vez em Portugal, em estudos desta natureza, foi feita uma **desagregação ao nível da freguesia**. O padrão da violência contra mulheres e homens detectado no concelho não é igual nas 24 freguesias. Nas mulheres há 9 freguesias (Santa Clara, Lumiar, Chelas, Parque das Nações, Benfica, Avenidas Novas, Santo António, São Vicente e Santa Maria Maior) em que a prevalência da violência é claramente superior à média do concelho. Nos homens, tal verifica-se em 4 freguesias (Carnide, Alvalade, Parque das Nações e Beato). Há

² Estes valores, relativos a uma maior prevalência da violência nos homens do que nas mulheres, obedecem ao mesmo padrão já detectado em estudos anteriores semelhantes (2007 e 2008). Veremos mais adiante que se trata de violências de natureza diferente.

³ Definida como todos os actos de violência física, sexual, psicológica ou económica que ocorrem no seio da família ou do lar ou entre os actuais ou ex-cônjuges ou parceiros, quer o infractor partilhe ou tenha partilhado, ou não, o mesmo domicílio que a vítima (adaptado de Convenção de Istambul, 2011 e Artº152 do Código Penal).

⁴ Definida como todos os actos de violência física, psicológica e/ou sexual cometidos contra parceiros/as ou ex-parceiros/as, incluindo pessoas do mesmo sexo, com quem a vítima mantenha ou tenha mantido uma relação de intimidade, com ou sem coabitação (adaptado do Artº152 do Código Penal).

uma freguesia em que os valores são igualmente elevados para mulheres e homens: Parque das Nações.

Tipos de violência

Analisando apenas as vítimas, há diferenças em relação aos tipos de violência.

A **violência psicológica**⁵ tem o valor mais elevado tanto nos homens (56,9% do total de homens vítimas) como nas mulheres (84,9% do total de mulheres vítimas). Os actos referidos com maior frequência foram os *'Gritos, ameaças verbais, escritas ou gestuais'* (tanto para homens como para mulheres) e *'Comportamentos, palavras e/ou insultos com o objectivo de ofender, humilhar ou diminuir'* e *'Comparações negativas com outras pessoas, com o objectivo de afectar a auto-estima e autoconfiança'* (para as mulheres).

A **violência física**⁶ é o único tipo de violência específica que é mais expressiva nos homens (41,2% do total de homens vítimas) do que nas mulheres (19,7% do total de mulheres vítimas). Os actos mais referidos pelas mulheres e pelos homens são: *'Agarrar, torcer o braço, bofetadas, murros, pontapés, arranhões, beliscões ou mordidas'* e *'Sovas'*.

Relativamente a 2007, a grande diferença é sobretudo ao nível do aumento significativo da **violência sexual**⁷ (28,6% nas mulheres; 26,3% nos homens), sobretudo através do **assédio sexual**⁸, tanto para mulheres como para homens, com os mesmo actos a serem referidos pelas vítimas dos dois sexos.

CONTEXTO SOCIAL DA VITIMAÇÃO

Tendo em consideração a **idade**, percebemos que, nas mulheres, não existe um perfil de vítima em termos etários. Os homens vítimas são, em média, mais jovens do que os não vítimas.

Em relação ao **nível de escolaridade**, a vitimação é transversal nas mulheres e nos homens.

⁵ A violência psicológica refere-se a um conjunto de 25 actos/comportamentos de abuso emocional ou de controlo.

⁶ A violência física inclui 14 actos de violência que uma pessoa inflige a outra, provocando dor e/ou dano físicos.

⁷ A violência sexual refere-se a um conjunto de 12 comportamentos/actos de natureza sexual indesejados, que provocam dano ou que são impostos a alguém. Inclui actos de contacto sexual abusivo, participação forçada em actos sexuais na forma tentada ou consumada, abusos verbais, atentados ao pudor ou exibicionismo.

⁸ O assédio sexual, avaliado através de 4 dos 12 indicadores da violência sexual, refere-se a comportamentos indesejados de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física com o objectivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afectar a sua dignidade, ou criar-lhe um ambiente hostil, humilhante ou desestabilizador.

Onde se nota uma maior vulnerabilidade para a vitimação é nas situações de **desemprego**, tanto para mulheres como homens, com uma associação estatística significativa entre esta situação e a vitimação.

O contexto da ocorrência da violência contra as mulheres é fundamentalmente o **espaço privado** (56% dos actos ocorridos), enquanto que nos homens é, sobretudo, o **espaço público** (55,2% dos actos ocorridos), à semelhança do que já se verificava no inquérito nacional de 2007.

Os **autores da violência** contra as mulheres são sobretudo homens (83,5% dos agressores); contra os homens são também maioritariamente homens (53,3% dos agressores).

Os **autores da violência** contra as mulheres são sobretudo parceiros e ex-parceiros (48,6%); nos homens são maioritariamente desconhecidos, amigos e pais.

IMPACTO NA VIDA DAS VÍTIMAS

O **impacto da violência na vida** das mulheres é muito mais elevado do que o dos homens: 52,8% das mulheres refere que os acontecimentos de violência afectaram muito ou razoavelmente as suas vidas, por comparação a 32% dos homens que refere o mesmo nível de impacto.

No caso das mulheres, as **consequências da violência** são sentidas mais ao nível da vida quotidiana, na saúde, na habitação, no emprego e na escola, e ainda nas sociabilidades, com uma expressão significativamente mais elevada relativamente aos homens.

Um exemplo deste impacto é a insegurança revelada pelas mulheres vítimas na utilização e circulação nos espaços públicos. A vitimação das mulheres está estatisticamente associada ao **medo de saírem à noite sozinhas no seu bairro**.

REACÇÃO DAS VÍTIMAS

Na grande maioria dos actos de que as mulheres são vítimas, elas dizem que **“não fizeram nada”** (62,3% das reacções das mulheres). A reacção das mulheres pouco passa pelo contacto com entidades ou instituições de apoio. Quando o fazem, é sobretudo à Polícia, mas as participações são muito baixas (6,4% das reacções). De realçar que o contacto com os estabelecimentos de saúde não é praticamente referido pelas vítimas (apenas 1,4%), apesar de se saber através de outros estudos que as mulheres vítimas recorrem habitualmente a estes locais.

Vejamos alguns exemplos que ajudam a ilustrar este padrão de reacções das mulheres. Na violência psicológica, começámos por seleccionar o que é referido com maior frequência **“Já alguma vez tentaram meter-lhe medo através de gritos ou ameaças verbais, escritas ou**

gestuais?”, em que se constata que em 46,4% das reacções as mulheres dizem “não fazer nada”. Nas **“ameaças com armas brancas e armas de fogo”**, apesar de uma maior participação à Polícia (25,3%), a maioria das reacções das mulheres continua a ser “não fazer nada” (36,7%). Um outro exemplo de particular importância, pela severidade do acto, é o da **violação ou tentativa de violação**, em que, dos 12 casos referidos pelas mulheres, metade diz não ter feito nada. Apenas em dois casos a reacção foi o contacto com as forças policiais.

A escassez de contacto com entidades de apoio é particularmente relevante em termos de risco, quando adicionamos o indicador de **percepção de risco de vida**, pois entre as mulheres vítimas, 12% sentem que correm ou já correram risco de vida e todavia não fizeram nada.

CONDICIONANTES DA REACÇÃO DAS VÍTIMAS

Face a estes resultados, questionamo-nos sobre os **motivos por que as vítimas “não fazem nada”** e o que pode condicionar a **tão baixa referência ao contacto com as entidades/instituições de apoio**.

Começando pelos **motivos para não contactar as entidades**, observamos que as razões mais referidas pelas mulheres vítimas são: a desvalorização da gravidade/importância da situação (18%); não acreditarem na ajuda que as entidades pudessem dar (14,1%); vergonha/culpa/embaraço com a situação (13,1%); ou ainda a crença ou expectativa que as coisas fossem melhorar, esperando ainda uma reconciliação (10,2%).

Face aos estudos nacionais anteriores, este inquérito permitiu-nos um grande avanço ao contemplar diversas variáveis do contexto sociocultural envolvente que nos permitem um compreensão mais alargadas das diferentes condicionantes da violência baseada nas desigualdades de género. Seleccionámos alguns indicadores para realizar essa análise.

Encontrámos na amostra global de mulheres e homens, vítimas e não vítimas, diferentes perfis de **valores de género** (baseados num conjunto alargado de indicadores relativos ao papel social de mulheres e homens). As mulheres estão associadas a um perfil mais igualitário e os homens a um perfil mais conservador. Estes perfis associam-se também aos níveis de escolaridade: o mais igualitário a níveis de escolaridade mais elevados; o mais conservador a uma escolaridade mais baixa.

Uma outra dimensão é a **discriminação sociocultural de género**, tendo sido analisados 13 indicadores sobre actos de discriminação ocorridos em diferentes esferas da vida, como o trabalho, a escola, os espaços públicos e os *media*. Observamos que as mulheres inquiridas sentem-se muito mais discriminadas do que os homens em função do seu género (62,8%). Quando focamos a análise apenas nas mulheres vítimas de violência, esse valor sobe para 82%.

Vimos anteriormente que os valores do assédio sexual, tanto para as mulheres como para os homens, são muito expressivos. Mas se analisarmos as **reações aos piropos**, apercebemo-nos como a masculinidade e a feminilidade são diferentemente valorizadas na nossa sociedade: enquanto que nas mulheres há uma maior probabilidade de dizerem que se sentem incomodadas ou ofendidas, nos homens há uma maior probabilidade de se sentirem felizes, elogiados e de acharem graça.

Um outro indicador, refere-se à **discriminação em função da orientação sexual**, que reflecte bem a força do modelo dominante da masculinidade e da heterossexualidade na nossa sociedade. Os homens sentem mais discriminação em função da orientação sexual do que as mulheres e também têm mais comportamentos de evitamento de expressão pública da homossexualidade, como por exemplo andarem de mãos dadas na rua.

3. MEDIDAS – PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO

Os resultados obtidos, pelo que confirmam e aprofundam outros de estudos anteriores (a nível nacional e internacional) e pelo que trazem de novo, permitem fazer um conjunto de sugestões ao nível das Políticas Públicas: na **prevenção**, com medidas articuladas a curto, médio e longo prazo; e na **acção das entidades** que **intervêm** no combate à violência e na protecção das vítimas, na intervenção de **proximidade**, dando **respostas integradas e imediatas** às vítimas em situação de maior vulnerabilidade, e envolvendo toda a comunidade local, incluindo entidades públicas, ONG e associações.

Para além de Prevenir e Intervir de forma integrada é ainda necessário continuar a Conhecer a realidade não só através dos grandes números municipais (incluindo a freguesia), nacionais e internacionais, mas também: ao nível do bairro e da rua; da interacção entre a vítima, o/a agressor/a e o meio social mais próximo, incluindo o familiar.